

## Louis Michel e Josep Borrell

Comissário Europeu para a Ajuda ao Desenvolvimento e Presidente da Comissão do Desenvolvimento do Parlamento Europeu

“A insuportável ironia da actual crise financeira é que os países em desenvolvimento, não sendo minimamente responsáveis por ela, terão de pagar as suas consequências”

# Crise financeira e países pobres: reconciliar a moral com os interesses

As últimas semanas foram mobilizados mais de dois biliões de euros para ajudar os países desenvolvidos a salvar o sistema financeiro internacional. Vimo-nos obrigados a fazê-lo. Vimo-nos, todavia, em dificuldades para reunir 100 mil milhões de euros anuais de ajuda ao desenvolvimento, a fim de combater a pobreza extrema e salvar vidas humanas. Este contraste de atitudes é moralmente inaceitável e é também politicamente perigoso.

A mobilização sem precedentes dos dirigentes mundiais para sanear e consolidar o capitalismo financeiro internacional não deve ficar por aqui, pois há outras consequências da crise, mais dramáticas ainda, em gestação. A pobreza afecta dois terços da população mundial e as alterações climáticas colocam em risco o próprio futuro da humanidade e do planeta. E isto num prazo muito mais curto do que geralmente se admite.

As diferenças de rendimento e as desigualdades nunca foram tão acentuadas. 10% da população mundial possui mais de 80% da riqueza global, enquanto a metade da população mundial que é mais pobre detém apenas 1 a 2% dessa riqueza. Desequilíbrios socioeconómicos desta amplitude não podem ser tolerados pois colocam em risco a própria estabilidade e a segurança mundiais.

A insuportável ironia da actual crise financeira é que os países em desenvolvimento, não sendo minimamente responsáveis por ela, terão de pagar as suas consequências, devido à rarefacção global do crédito, ao abrandamento dos fluxos de investimento directo estrangeiro e à queda dos preços das matérias-primas. É verdade que, ainda assim, se prevê que o crescimento africano prossiga em 2009 a um ritmo anual de 4 a 5%, mas tal representa uma diminuição de 2% em relação a 2008. Ora, cada ponto percentual de crescimento a menos é uma batalha perdida na guerra contra a pobreza, representando uma catástrofe humana para os países do Sul.

Estas perspectivas sombrias adensam-se numa altura em que os países pobres tiveram de afectar grande parte das suas finanças públicas para fazer face ao duplo impacto do aumento dos preços do petróleo e dos produtos alimentares que se regista desde há mais de um ano.

A extraordinária capacidade de resistência dos mais pobres e a sua crença num futuro melhor é uma incrível lição de coragem. Não deve, todavia, ocultar o facto que a miséria traz sempre com ela sofrimento e violência. Os tumultos provocados pela fome no início deste ano em diversos países constituem um sério aviso. O facto de os imigrantes ilegais estarem dispostos a arriscar a própria vida para atingir o litoral europeu mostra-nos quão grave pode ser o desespero de quem não tem nada a perder.

Os países mais pobres estão agora, mais do que nunca, dependentes da ajuda pública ao desenvolvimento (APD). As notícias neste campo não são, todavia, as melhores. Num contexto de rigor orçamental, os cortes tendem a incidir nos orçamentos consagrados à ajuda ao desenvolvimento. Após uma década de crescimento, a APD tem vindo a estagnar ou mesmo a regredir desde 2006. Mesmo a União Europeia, que é de longe o principal doador internacional – contribuindo com metade da APD global – tem deparado com dificuldades para satisfazer os seus compromissos.

A relutância dos Estados-membros em adoptar a proposta da Comissão de criar um mecanismo de financiamento no valor de 1 000 milhões de euros para reforçar a segurança alimentar nos países em desenvolvimento é sintomática da situação actual, mas difícil de aceitar quando cerca de mil milhões de seres humanos passam fome, tendo este número aumentado em quase 100 milhões só no ano passado.

Temos de agir urgentemente. A crise actual deve constituir uma oportunidade para se criarem os meios necessários para uma governação à escala mundial, capaz de fazer face aos desafios suscitados pelo desenvolvimento.

A conferência internacional sobre o desenvolvimento, que terá lugar em Doha no final do ano, proporcionará certamente ao mundo em desenvolvimento, incluindo África, a possibilidade de expressar as suas preocupações. Estes países irão enfatizar a gravidade de a ajuda pública ao desenvolvimento estar a diminuir justamente numa altura em que os preços da energia e dos alimentos estão a aumentar e os custos das alterações climáticas cada vez se fazem sentir mais. Ninguém contesta que os países em desenvolvimento devem assumir a sua parte das responsabilidades no desenvolvimento, a começar pela boa governação e pela transparência na gestão dos fundos públicos. Todavia, mais do que nunca, os países desenvolvidos não se podem eximir às suas responsabilidades em matéria de ajuda pública ao desenvolvimento. Não podemos admitir um fracasso em Doha.

A próxima cimeira mundial sobre a crise financeira poderá constituir também uma boa oportunidade para associar plenamente os países em desenvolvimento à reforma das instituições financeiras internacionais, tanto a nível da sua representatividade como do papel que estes podem desempenhar.

Será também uma oportunidade para encontrar novas fontes de financiamento do desenvolvimento e, nesse contexto, voltar a analisar a possibilidade de se criar uma taxa internacional sobre as transacções financeiras em bolsa (taxa Tobin) cujas receitas revertam a favor do desenvolvimento. Trata-se aqui de reconciliar a moral com os interesses.

A recessão económica iminente deveria igualmente encorajar as grandes potências mundiais a relançarem as negociações da OMC sobre a Agenda para o Desenvolvimento, pois isto pode incentivar o comércio internacional em benefício de todos e, em particular, dos países em desenvolvimento.

Outra medida internacional que poderia ser promovida consiste em incentivar, mediante um enquadramento regulamentar e fiscal atractivo, o investimento de capitais em “empresas com fins sociais”, com o objectivo de combater a pobreza e não de maximizar os lucros, partindo das experiências positivas efectuadas em matéria de microcrédito que permitiram combater eficazmente a pobreza.

Em resumo, temos de dar um novo sentido à globalização, assegurando que o capitalismo volta a ser um instrumento de liberdade e de emancipação, ao serviço de uma prosperidade sustentada e partilhada. No século XXI, isto exigirá uma melhor regulação dos mercados pelos Estados, mas à escala de uma governação mundial. Estamos perante uma oportunidade histórica para o conseguir. Temos de saber aproveitá-la. ▀



**João Caiado Guerreiro**  
Advogado

**Negócios à Parte** | “Um problema em Wall Street não tem, a maior parte das vezes, efeitos em Lisboa”

## A oportunidade na crise

Os mercados desceram 5%. Subiram 1%. Estão a cair. Recuperaram. Já viste que o Nikkei perdeu 50% desde o início do ano? E o SP 500? Isto para não falar no IBEX, que caiu 46%? Como é que esta crise nos vai atingir? Isto é o 11 de Março da nossa geração!!! Para as gerações que não eram nascidas foi a 11 de Março de 1975 e nos dias que se seguiram que um governo comunista nacionalizou a economia portuguesa.

Calma. E tranquilidade. Portugal existe desde 1143. Esta crise não é nada comparada com o que passaram os nossos avós durante a Segunda Guerra Mundial. Ou os nossos pais com a guerra colonial. Não vai haver uma grande depressão. Haverá provavelmente uma recessão mais intensa mas não será o fim do mundo.

Diz-se que o pai de John Kennedy vendeu todas as acções que tinha, antes da crise de 1929, quando o seu engraxador lhe começou a falar da bolsa. O mesmo, ao contrário, se poderá afirmar agora. Com toda a gente em pânico e quando os nossos amigos que nunca se interessaram pelos mercados ou pela economia sabem de cor o que caiu o PSI 20 ou o SP 500 talvez seja altura de comprar. Fernando Ulrich e Warren Buffett acham que sim. O presidente do BPI dizia mesmo que quem investir agora e tiver calma vai “forrar-se de dinheiro”.

### “O terrorismo fiscal que se tem vivido em Portugal assustou os investidores e os empresários”

Em qualquer caso, esta é certamente uma altura em que vale a pena cada um de nós concentrar-se no que pode fazer para sair da crise. Ou, pelo menos, para resolver os seus problemas económicos. Se todos continuarmos a fazer a nossa vida, trabalhando duro, as coisas vão comportar-se. Um dos principais problemas desta crise é que é a primeira verdadeiramente global. O comércio entre os países é de tal maneira grande que o que acontece na China afecta a América e Portugal, e vice-versa. Por isso mesmo, é importante congratularmo-nos com os sinais positivos de que os principais países do mundo EUA, China e estados da UE estão a conseguir coordenar uma resposta. Isso é um factor

extraordinário, indicando que o mundo vai lutar contra esta crise de forma coordenada.

Em qualquer caso, não vale a pena preocuparmo-nos demasiado com situações relativamente às quais não podemos fazer nada. Se o Nikkei sobe ou desce não há nada que possamos fazer. Os media globais ajudam também à disseminação do medo. Um problema em Wall Street não tem, a maior parte das vezes, efeitos em Lisboa. Acontece é que os media fazem-nos sentir como se fosse aqui ao lado. Vivemos acontecimentos distantes como a falência do Lehman Brothers cujo nome nada dizia a muita gente, como se fossem nossos. E como se nos afectassem profundamente. Isso acaba por ampliar os problemas. Por isso, é que é importante focarmo-nos no que podemos fazer em vez de andarmos preocupados com aquilo relativamente ao qual nada podemos fazer. E, como é costume, podemos fazer muito. A nossa vida e o bem estar das nossas famílias depende sobretudo de nós. O sucesso das empresas em que trabalhamos também. Nestas fases, é bom transmitir uma mensagem de optimismo aos nossos colegas e amigos. Sim, a coisa está feia, mas o mundo não vai acabar.

Vamos continuar a produzir e a ter clientes. Por isso, vamos trabalhar e tratar ainda melhor, com super carinho, os nossos clientes. Sem eles, não há empresa. E vamos passar para o mercado, cada um de nós, a ideia de que vai tudo correr bem. Em Portugal, estamos habituados às crises. Em rigor, este século ainda não saímos da crise. A economia tem estado mais ou menos estagnada.

Esta crise é pois uma oportunidade. Pode ser que desta vez o nosso Governo decida, finalmente, fazer reformas. As leis laborais tem de ser urgentemente adaptadas ao século XXI onde a concorrência e as oportunidades são globais. Se queremos mais e melhor emprego temos que flexibilizar as leis laborais. Esta é também a altura perfeita para baixar impostos e aumentar as garantias dos contribuintes. O terrorismo fiscal que se tem vivido em Portugal assustou os investidores e os empresários. O Governo tem andado bem nas pequenas reduções que fez mas é preciso mais para libertar a energia dos portugueses.

Dizia o meu Avô que “merece bem a desgraça quem não sabe tirar partido dela”. Se trabalharmos um pouco mais e melhor, e gastarmos um pouco menos, a crise pode ser uma boa oportunidade. ▀